

Delgado de Carvalho e a História: trajetória e atuação de um “pardal de Clio” no campo intelectual do Rio de Janeiro (1931-1955)

Nayara Galeno do Vale*

Resumo

Este trabalho pretende investigar a trajetória intelectual de Carlos Miguel Delgado de Carvalho, nascido em 1884 e falecido em 1980, sobretudo no que diz respeito à suas concepções e atuação no ensino da História. Trata-se de analisar como o autor constrói suas reflexões teórico-metodológicas sobre a História e de que forma essa compreensão caracteriza suas posições nos debates acerca do ensino escolar e universitário da disciplina. De formação eclética (Direito pela Universidade de Lausanne, diplomado pela *École Libre des Sciences Politiques* e pela *London School of Economics*), Delgado de Carvalho foi figura atuante na conjuntura dos anos 1930 a 1950 nos principais espaços onde se desenvolviam discussões acerca dos rumos da educação nacional.

Palavras-chave: Delgado de Carvalho, trajetória, ensino de História.

Résumé

Ce travail vise à étudier la trajectoire intellectuelle de Carlos Delgado Miguel de Carvalho, né en 1884 et mort en 1980, en particulier en ce qui concerne les conceptions et les actions dans l'enseignement de l'histoire. Nous allons donc analyser comment l'auteur construit sa réflexion théorique et méthodologique sur l'histoire et comment cette compréhension caractérise ses positions dans les débats sur l'enseignement scolaire et universitaire de l'Histoire. Delgado de Carvalho avec une formation éclectique (droit de l'Université de Lausanne, diplômé de l'École Libre des Sciences Politiques, et de la London School of Economics), fut une figure active dans les années 1930 à 1950 dans les principaux domaines où se développent les discussions sur l'orientation de l'éducation nationale.

Mots-clés: Delgado de Carvalho, trajectoire, enseignement de l'Histoire.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os primeiros resultados da pesquisa de mestrado iniciada no primeiro semestre de 2008. Pretende-se investigar a trajetória intelectual de Carlos Miguel Delgado de Carvalho, nascido em 1884 e falecido em 1980,

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sobretudo no que diz respeito à suas concepções e atuação no campo do ensino da História. Trata-se de analisar como este autor constrói suas reflexões teórico-metodológicas sobre a História e de que forma essa compreensão marca suas posições nos debates acerca do ensino escolar e acadêmico da disciplina.

De formação eclética (Direito pela Universidade de Lausanne, diplomado pela *École Libre des Sciences Politiques* e pela *London School of Economics*), Delgado de Carvalho foi figura atuante na conjuntura dos anos 1930 a 1950 nos principais espaços onde se desenvolviam discussões acerca dos rumos da educação nacional. Nessas décadas empreendeu “um percurso por diferentes instituições ligadas ao campo científico e educacional do país” (ZUSMAN e PEREIRA, 2000, p.52) e produziu vasta obra abarcando diversas áreas do conhecimento, como o inglês, a geografia, a sociologia, a história, as relações internacionais, a economia e a estatística.

Delgado nasceu na Legação¹ do Brasil na França, quando seu pai, um diplomata do Império exercia as funções de Secretário. Carlos Dias Delgado de Carvalho, monarquista convicto, quando da implantação da República, jurara nunca mais voltar ao Brasil. O filho Carlos Miguel sequer aprendeu a língua portuguesa, tamanho o desprezo do pai pelo país de origem (COSTA, 2006, p. 3386-3387).

Na França, Delgado de Carvalho cursou Direito na Universidade de Lausane e, em 1905, ingressou na *École Libre des Sciences Politiques*, na seção de Diplomática. Ferraz aponta que a formação de Delgado permitiu-lhe o contato com idéias liberais e democráticas que se combinaram com a crença no progresso, na ciência e na liberdade do homem presentes na época.² Veio ao Brasil pela primeira vez em 1906, com apenas 22 anos para produzir sua tese de doutoramento. O pai, decepcionado com o interesse do filho pelo país que desprezara, o deserdou. (MENEZES, 1980, p. 106-107)

Mas diferentemente do que possa se pensar, Delgado ao chegar ao Brasil trouxe não apenas a sua formação na França, mas mobilizou algumas relações sociais a seu favor. O livro *Geographia do Brasil*, primeira obra do autor escrita em português, foi prefaciado em sua primeira edição, datada de 1913, por ninguém menos que Oliveira Lima.³ O exórdio, nesse caso, cumpriu a função de apresentar o autor aos leitores de língua portuguesa e destacou as

¹ Representação diplomática.

² Munido de tais idéias, Delgado rapidamente passou a colaborar junto à imprensa mais liberal da época no Rio de Janeiro, como o *Jornal do Comércio* e *A Notícia*, primeiramente escrevendo artigos em francês que eram traduzidos posteriormente pelos jornais para serem publicados e nos anos do primeiro conflito mundial como correspondente de guerra (FERRAZ, 1994).

³ Oliveira Lima era um intelectual reconhecido, nacional e internacionalmente, autor de importantes obras históricas, particularmente D. João VI no Brasil. Ver GOMES, 2005.

semelhanças entre o autor do livro e o autor do prefácio, buscando criar uma recepção para a obra e uma inserção do neófito nos meios intelectuais brasileiros. (COSTA, 2006)

Nos anos posteriores à Primeira Guerra, quando se estabelece definitivamente no Brasil, Delgado procura se inserir em algumas instituições importantes do campo intelectual brasileiro. Em 1921, foi admitido como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tornado-se sócio honorário já em 1937.⁴

Durante os anos 1920, o campo artístico-cultural já era visto como um *locus* importante para a constituição de projetos de intervenção social, sendo os intelectuais percebidos e auto-representados como atores privilegiados na “condução” dos rumos do país. (GOMES, 1999, p. 21-22) Na esfera educacional, a década caracterizou-se como um período de grandes debates acerca de todos os níveis de ensino: longe de se restringirem ao contexto nacional, remontavam também a discussões internacionais. Interessado nas deliberações acerca das questões educacionais, e já instalado definitivamente no país, Delgado, em 1924, participou da fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), junto com Everardo Backeuser e outros. Pela primeira vez se institucionalizava a discussão dos problemas da escolarização em âmbito nacional. (CARVALHO, 1999, p. 17)

A partir de 1930, no país, se esboçou a possibilidade de criação de um aparato de centralização do sistema educacional. Se antes as disputas entre as oligarquias regionais ameaçavam a unidade nacional, a centralização era tida como uma das maneiras de preservar a coesão do país. Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, o Estado lançou as bases de uma política cultural que teve como principal marco a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Intelectuais das mais diversas correntes políticas participaram da construção desse projeto de modernização pela cultura ocupando cargos na burocracia do Estado. A criação do Ministério se configurou como uma ação estratégica, e representou, em tese, a possibilidade do controle do aparelho escolar por parte do Estado. (CARVALHO, 1999)

Ainda no início da década de 1920, Delgado procurou ultrapassar os limites da Geografia e foi aprovado para o cargo de professor substituto de Inglês do Colégio Pedro II, instituição de grande tradição e prestígio no cenário educacional brasileiro. Transferido para a

⁴ A classe dos sócios honorários do Instituto contava com 50 vagas que só eram atingidas por sócios efetivos ou correspondentes admitidos há mais de dez anos e que tivessem desenvolvido atividades relevantes para a instituição. A elevação à categoria de sócio honorário representava um grande mérito nos quadros da instituição. Ver: **Revista do IHGB**. Vol. 144 (1921). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924. pp. 763,769 e GALVÃO, Benjamin Franklin de Ramiz (relator). Parecer acerca da admissão como sócio honorário. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Vol. 172. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937. pp. 423-424. Sobre o IHGB, ver ainda: GUIMARÃES, 2007. p. 35-45.

cadeira de Sociologia em 1927, em 1930, tornou-se diretor do Externato⁵, tendo sido nomeado pelo próprio ministro da Educação, Francisco Campos.

Nesse momento, o ensino secundário – tido como nível de ensino formador das “elites condutoras” do conjunto do país – adquire grande relevância, tornando-se alvo de intensos debates. As discussões em torno desse segmento de ensino culminaram na sua reformulação através de duas reformas educacionais: a de Francisco Campos, em 1931, e a de Gustavo Capanema, em 1942.

A reforma de Francisco Campos representou o primeiro esforço legal de centralização da produção dos programas que, a partir dela, passaram a ser expedidos pelo recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública. (REZNIK, 1992, p. 20) Além disso, deveriam ser revistos de três em três anos por uma comissão designada pelo ministro e à qual seriam submetidas às propostas elaboradas pela Congregação do Colégio Pedro II. A reforma elegia, assim, o ensino secundário como um *locus* privilegiado de intervenção do Estado

Nesse contexto, a História tinha uma função estratégica: era tida como a disciplina que formava os estudantes para o exercício da cidadania. Se a perspectiva já estava presente nos anos anteriores, os programas de 1931 procuravam destacar essa “função social” da disciplina. A reforma substituiu ainda as cadeiras de História Universal e História do Brasil, pela cadeira de História da Civilização. Ao efetuar essa mudança, o propósito da Reforma Campos era estabelecer o estudo simultâneo da História Geral, da América e do Brasil criando assim uma maior conexão nos estudos dessas disciplinas unificadas na cadeira de História da Civilização (ABUD, 92/93, p. 170).

Os programas da Reforma Campos, ao instituírem a cadeira de História da Civilização, buscavam também amainar o caráter religioso. O ensino seria orientado por um viés iluminista: em linhas gerais, caracterizou-se por conceber a história como o estudo do progresso da civilização em todos os sentidos, em todas as realizações humanas. (HOLLANDA, 1957, p. 18)

Em 1934, a pasta da Educação e Saúde havia sido assumida por Gustavo Capanema, advogado mineiro cujo apoio ao movimento de 1930 já havia rendido cargos na política estadual mineira. Sua ação pedagógica pautou-se pelo ideal de constituição da nacionalidade e se desenvolveu no bojo do crescente fechamento do regime que culminou em 1937 com o

⁵ A importância do Colégio Pedro II se configura na especificidade deste colégio fundado como um instrumento de formação, tanto de uma nação quanto de uma elite político-cultural do Império e República. No pós-1930 o colégio continuou a ter um destacado papel no cenário educacional brasileiro, tendo vários de seus professores contribuído também na constituição dos primeiros cursos universitários na UDF e na Universidade do Brasil. Delgado de Carvalho é uma deles. Ver DORIA, 1997. p. 234. Sobre o Colégio Pedro II ver ANDRADE, 1999.

Golpe do Estado Novo. O sentido dessa nacionalidade era a promoção dos heróis e instituições nacionais e o culto às autoridades. (SCHUARTZMAN e BOMENY, 2000, p. 157) Além disso, a padronização do ensino segue num crescente, dando mostras de um aperfeiçoamento do projeto iniciado em 1931 por Francisco Campos.

Nesse contexto de gestação de uma consciência patriótica, o ensino em geral e particularmente o de História adquire grande importância na medida em que ganha uma função eminentemente cívica. Intensos debates entre a perspectiva universalista e os defensores da singularidade nacional ganham corpo. O Instituto Histórico e Geográfico, personificado por seu secretário perpétuo Max Fleiuss será um dos expoentes do segundo grupo. Seus argumentos são os de que a supressão da cadeira de História do Brasil era contrária ao espírito de civismo e aos bons princípios da educação nacional. (REZNIK, 1992, p. 75-79) Em 1942, pelas diretrizes da Reforma de Gustavo Capanema a História do Brasil e a História Geral foram novamente separadas, sendo extinta a cadeira de História da Civilização.

Capanema também foi responsável pela criação de novos cursos superiores destinados à formação de professorado para o ensino secundário. Em 1937, com a criação da Universidade do Brasil, o governo pretendia implantar em todo o país um padrão nacional de ensino superior e estabelecer um sistema destinado a controlar a qualidade do ensino superior. Esse projeto grandioso e centralizador acabaria sufocando outras iniciativas mais liberais. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a Universidade do Distrito Federal⁶, extinta em 1939, quando foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.⁷

Paralelamente à sua atuação nestas universidades, Delgado de Carvalho fez parte da primeira Comissão Nacional do Livro Didático, criada em 1938 e que começa a funcionar no ano seguinte. (BOMENY, 1984, p. 31-68) A Comissão tinha por finalidade avaliar os livros didáticos que seriam utilizados por professores em todo o território nacional e, como tal, representava uma tentativa de controle governamental da produção e utilização dos livros escolares.

Dentro desses espaços de atuação, Delgado de Carvalho defendeu uma forma específica para o ensino de História. A temática principal de seus estudos era a História da

⁶ Universidade idealizada pelo interventor federal no Rio de Janeiro, Pedro Ernesto. Com a colaboração de Anísio Teixeira, uma das lideranças do movimento pela renovação da educação desde os anos 1920, o interventor pôs em marcha o projeto de criação da Universidade do Distrito Federal. Instituída legalmente em abril de 1935, a universidade se configurou como o primeiro esforço de estruturação de um novo modelo, cujas diretrizes fossem a promoção de uma “cultura desinteressada” e a “preparação para a carreira intelectual” e não mais somente a formação profissional. Ver PAIM, 1982, pp. 17-96.

⁷ Universidade do Brasil. IN: **Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) Educação, cultura e propaganda**. Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. www.cpdoc.fgv.br (Acesso em 24 set 2008)

Civilização Moderna e Contemporânea, cadeira que lecionou por 12 anos no curso de História e Geografia⁸ da Universidade do Brasil. Para o autor, a História do Brasil deveria estar englobada na História da Civilização e não ser estudada separadamente, pois o propósito do ensino de História não era o de servir à exaltação nacional, mas demonstrar o progresso humano em todos os sentidos e de forma supranacional. (CARVALHO, 1934, p. 52-53 e REZNIK, 1992, p. 130).

A História é a disciplina que nos dá o sentido do tempo... O seu valor de integração em plano internacional não é idêntico ao da Geografia: o seu papel é muito mais delicado em razão de um entumescência [sic] do sentimento de patriotismo que nos foi legado pelo século XIX: o nacionalismo extremado... Já não apresentaria o mesmo inconveniente se a “História Geral” fosse substituída por uma “História da Civilização”, isto é, em vez de acidentes e incidentes da História, seriam examinadas atividades, descobertas, invenções, técnicas, evolução cultural, assuntos êstes que unem mais os homens que os separam. (CARVALHO, 1957, p. 114-115)

A função esperada da escola deveria ser a de inculcar nos alunos o “esforço construtivo” e os valores otimistas, pois só através do otimismo é que a juventude poderia prosseguir na “marcha triunfal da Humanidade”. (CARVALHO, 1934) Para Delgado, a ciência, provava que a evolução conduzia ao progresso, assim como a História deveria ser uma fonte de otimismo, pois se baseava na evolução do homem em todos os sentidos. Nesse caso, a história da civilização, no singular, se apresentava como uma chave de ensinamentos muito rica.

Em 1953, Delgado foi chamado para escrever o manual de História Geral para a Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeme), instituída por Anísio Teixeira quando este assumiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), em 1952. Se esse convite demonstra o reconhecimento de Delgado de Carvalho – a essa altura com 69 anos – como autoridade no campo da História, evidencia também a existência de uma rede que o unia a outros intelectuais também já consagrados, como Teixeira. Essas sociabilidades eram frutos da partilha de ambientes intelectuais — levada a cabo em diferentes épocas — e que pressupunham a co-participação em projetos afins.

Sua produção de livros didáticos mostra uma particularidade em relação aos autores que escrevem obras de História na mesma época: ele não se propôs prioritariamente escrever sobre a história do Brasil. De seus catorze livros com títulos de História apenas um remete ao contexto histórico brasileiro. Seu pensar histórico se reporta ao estudo da sociedade europeia na qual se formou e com a qual manteve constantes contatos. (COSTA, 2007, p. 45)

⁸ Na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil as formações em História e Geografia foram unidas, até 1955, em um só curso.

Estudar seu pensamento reveste-se de grande importância para entendermos a constituição da História como campo de conhecimento profissionalizado no Brasil. Ao mesmo tempo, reconstituir sua trajetória nos possibilitará visualizar como suas posições acadêmicas se definem na sua inserção como intelectual no universo cultural e nos embates produção acadêmica e a escolar da História nas décadas estudadas. Pretendemos assim analisar como se dá o processo de construção do seu discurso acerca da História como disciplina a ser ensinada no ensino secundário e superior, relacionando as suas idéias concernentes à História aos seus posicionamentos no interior do campo intelectual.

O recorte temporal adotado abarca o período de 1931 a 1955. Em 1931, foi instituída a Reforma Campos, que cria no ensino secundário a cadeira de História da Civilização. Essa perspectiva foi amplamente apoiada por Delgado, que segundo Tavares foi chamado a colaborar com o ministro na elaboração do anteprojeto da nova organização do Ensino Secundário.⁹

O ano de 1955 é adotado como marco final pelo fato de ser o ano da aposentadoria de Delgado da cadeira de História Moderna e Contemporânea da Universidade do Brasil, além de ser também o ano da separação dos cursos de História e Geografia na Faculdade Nacional de Filosofia. Esta divisão, contrária à integração dos cursos defendida por Delgado, além de representar o fim de um projeto de ensino, representou também um passo à frente na especialização do campo da história universitária. Ademais, entendemos que o período proposto é pertinente à pesquisa, pois foi durante esse período que a atenção de Delgado de Carvalho se voltou senão exclusivamente, mas majoritariamente para a História.

A pesquisa se insere no campo da História Cultural e por objeto a trajetória e a obra de um intelectual. De acordo com a definição de Sirinelli, o intelectual é um especialista no processo de criação e transmissão cultural e também alguém capaz de produzir “visões de mundo”. (SIRINELLI, 2003) Além disso, ele desperta a atenção dos envolvidos com o “círculo do poder político” (GOMES, 1996, p. 39) e pode redefinir suas posturas de acordo com as relações que estabelece com esse poder. Igualmente importante, o convívio entre intelectuais se mostra fundamental para o desenvolvimento de idéias e sensibilidades.

Relacionado ao conceito de intelectual utilizamos o conceito de *geração*, que embora venha sendo discutido por ser assaz vago, pode nos ser útil na tarefa de relacionar a trajetória de vida de Delgado com a de outros intelectuais de sua época clarificando os vínculos

⁹ Delgado teria trabalhado juntamente com os professores Euclides Roxo, responsável pela elaboração dos programas de Matemática, e Hanehmann Guimarães, Assistente Técnico do Ministério da Educação e com Lourenço Filho, Diretor de Instrução de São Paulo. Ver: TAVARES, 2002. p. 134.

institucionais e espontâneos adquiridos pelo autor ao longo do tempo. (GOMES, 1996, p. 39)
Temos em mente que a geração não é algo espontâneo, mas diz respeito a uma construção do historiador.

Ao apontar os embates acadêmicos em torno da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeme) de 1953, Patrícia Coelho os descreve como um conflito entre gerações. O conflito poderia ser pontuado como um contraste entre a priorização dos aspectos didáticos na confecção dos livros, posição defendida por Delgado, e o privilégio à discussão acadêmica e à pesquisa, apregoada por alguns avaliadores da obra como os intelectuais da Universidade de São Paulo: Eurípedes Simões de Paula, Eduardo d’Oliveira França e Alice P. Canabrava. Estes são apontados pela autora como os “novatos”, alunos formados em História pelas Faculdades de Filosofia que apresentaria uma diferença em relação à geração anterior marcadamente autodidata. (COSTA, 2007, p. 108)

Para Sirinelli a geração seria mais bem definida como uma “escala móvel do tempo”. Em relação ao campo da “história das idéias”, o autor assinala que a noção remete a uma “escala estratigráfica operatória”. (SIRINELLI, 2006, p. 135) Todavia é necessário ter cuidado, pois não se trata de uma concepção evolucionista, segundo a qual as idéias tenderiam se aprimorar rumo a um pretenso progresso, mas de uma perspectiva segundo a qual a sucessão de gerações se liga à sucessão de transformações sociais experimentadas por um grupo e a certas visões de mundo compartilhadas entre membros desse conjunto. Partindo desse conceito, o trabalho busca pensar as relações entre as pessoas de um mesmo grupo e também os contatos entre gerações atentando para as possíveis dimensões conflitivas ou generativas dessa convivência. (GOMES, 1996, p. 40-41)

Além dos conceitos arrolados, outra noção central é a de *campo intelectual*. A análise das práticas sociais é fundamental para subsidiar as discussões acerca de posicionamentos específicos do agente em questão. Compreender a gênese social de um campo pressupõe a demarcação de um “sistema de relações sociais”, onde o agente “se define por referência a outros indivíduos num processo incessante de ajustamento, marcado por uma série de ações e reações geradas pela decifração de uma infinidade de sinais...”. Esses sinais do campo são “apropriados, ‘interiorizados’ pelos agentes” chegando a configurar um “inconsciente cultural”. (GOMES, 1996, p. 69)

Nesse caso, tomamos a construção de nosso objeto, a trajetória de Delgado de Carvalho, se mostra como a interrogação sistemática de um caso particular, constituído em um “caso particular do possível”, com o intento de pensá-lo relacionalmente, tomando-se como base as homologias estruturais entre campos ligados. (BOURDIEU, 2005, p. 32-33)

Tomamos como base do estudo as homologias entre o “campo intelectual” e o campo de constituição da história como disciplina escolar e acadêmica.

Sugerimos assim, como hipótese de trabalho, que Delgado nos anos 1930, se apresenta no interior do campo intelectual como alguém autorizado a emitir um discurso legítimo sobre a História ensinada, uma vez que referendado por sua experiência docente, e o faz defendendo o estudo da História da perspectiva da civilização. Entretanto, na medida em que o campo da disciplina se torna cada vez mais profissionalizado, o autor posiciona com maior cautela, se apresentando, não como um historiador, mas como um “pardal de Clio”.

Referências bibliográficas:

- ABUD, Kátia Maria. O ensino de História como fator de coesão nacional: os programas de 1931. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 163-174, set. 92/ago.93. p. 170.
- ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz, **Colégio Pedro II: Um Lugar de Memória**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999. 157 p.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARVALHO, Delgado de. **Sociologia e Educação**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934. 228 p.
- _____. **Introdução Metodológica aos Estudos Sociais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1970. (Primeira edição de 1957)
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O território do consenso e a demarcação do perigo: política e memória do debate educacional dos anos 30. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **Memória Intelectual da Educação Brasileira**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 1999. p. 17-33.
- COSTA, Patrícia Coelho. **A voz do mestre: trajetória intelectual de Carlos Delgado de Carvalho**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2007.
- _____. Uma escrita aos professores: os prefácios dos livros de Delgado de Carvalho. In: **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. p. 3386-3396. 2006. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/eixo5.htm> (acesso em 28 mai. 08)
- DORIA, Escragnolle. **Memória Histórica do Colégio de Pedro Segundo – 1837-1937**. Comissão de Atualização da Memória Histórica do Colégio Pedro II, Roberto Bandeira Accioly...et. al. Brasília: Instituto Nacional de Estudos Educacionais, 1997.
- FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **O discurso geográfico: a obra de Delgado de Carvalho no contexto da geografia brasileira – 1913 a 1942**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- GOMES, Ângela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. **Essa gente do Rio...**: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. (Org.) **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima a Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. **Da Escola Palatina ao Silogeu**: Instituto Histórico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

HOLLANDA, Guy de. **Um Quarto de Século de Programas e Compêndios de História para o Ensino Secundário Brasileiro**. 1931-1956. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP – Ministério da Educação e Cultura, 1957.

MACHADO, Mônica Sampaio. **A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira**. Tese (Doutorado Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

MENEZES, Eurípedes Cardoso. Carlos Delgado de Carvalho: idéias e ideais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. n. 329, Outubro-Dezembro. Brasília - Rio de Janeiro, p. 105-118, 1980. (p. 106 e 107).

PAIM, Antônio. Por uma Universidade no Rio de Janeiro. IN: SCHWARTZMAN, Simon (Org.) **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro**. Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982, pp. 17-96.

Revista do IHGB. Vol. 144 (1921). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924. pp. 763,769.

REZNIK, Luis. **Tecendo o Amanhã**: A História do Brasil no Ensino Secundário: Programas e Livros Didáticos. 1931-1945. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 1992.

SCHUARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda Ribeiro. **Tempos de Capanema**, São Paulo: Paz e Terra: FGV, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução: Dora Rocha. 2ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003. p. 231-262.

_____. Geração. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 131-137.

ZUSMAN, Perla; PEREIRA, Sérgio. Entre a ciência e a política: um olhar sobre a geografia de Delgado de Carvalho. **Terra Brasilis – Revista de História do Pensamento Geográfico**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.52-82, 2000.